

Pensar, viver e falar: a Educação Filosófica como Psicagogia.

Flávio de Carvalho
Universidade Federal de Campina Grande
flavio.carvalho@ufcg.edu.br

Resumen:

En esta ponencia haremos un análisis filosófico en los tres últimos cursos que Michel Foucault impartió en el *Collège de France* entre los años 1982 y 1984 y construiremos una comprensión de enseñanza de la Filosofía basada en tres conceptos encontrados en aquellos cursos, a saber, *el cuidado de sí, la parresía y la psicagogía*. Nuestra tesis implica en atribuir a la Psicagogía un lugar epistémico y pedagógico en el proceso de enseñanza y aprendizaje de la Filosofía. En esta discusión reafirmamos nuestra postura que reconoce y adopta la denominación “*Educación Filosófica*” (en lugar de *Enseñanza de la Filosofía*). En la Educación Filosófica buscamos hacer la experiencia del filosofar entre los docentes y los estudiantes en las clases de Filosofía de la escuela secundaria (y también en la enseñanza universitaria). Así profesores y estudiantes asumen el *ejercicio de filosofar en el clase* y, igualmente fuera de ella, como movimiento simultáneamente intelectual y existencial, los contenidos filosóficos deben reverberar en sus construcciones de *visiones de mundo* y de sus *posturas sociales y políticas*. Así, estudiar Filosofía y construir la propia existencia se vinculan.

Palabras clave: enseñanza de la Filosofía, psicagogia, parresía, cuidado de sí.

Resumo:

Nesta comunicação faremos uma análise filosófica nos últimos três cursos que Michel Foucault ministrou no *Collège de France* entre 1982 e 1984 e construiremos uma compreensão do ensino da Filosofia a partir de três conceitos encontrados nesses cursos, a saber, o cuidado de si, parresia e psicagogia. Nossa tese implica em atribuir à Psicagogia um lugar epistêmico e pedagógico no processo de ensino e aprendizagem da Filosofia. Nesta discussão reafirmamos nossa posição que reconhece e adota o nome de “*Educação Filosófica*” (em vez de *Ensino de Filosofia*). Na Educação Filosófica buscamos oportunizar a vivência do filosofar entre professoras(es) e estudantes nas aulas de Filosofia do Ensino Médio (e também no ensino universitário). Assim, professoras(es) e estudantes assumem o exercício de filosofar em sala de aula e, também fora dela, como movimento simultaneamente intelectual e existencial, e os conteúdos filosóficos devem reverberar em suas construções de visões de mundo e em suas posições sociais e políticas. Assim, estudar Filosofia e construir a própria existência estão interligados.

Palavras chave: ensino de Filosofia, psicagogia, parresía, cuidado de si.

Abstract:

On this presentation we'll make a philosophical analysis of the last three courses that Michel Foucault taught at the Collège de France between 1982 and 1984 and we'll also construct a comprehension about teaching of Philosophy in accordance with three concepts, the care of the self, the parrhesia and the psychagogy. Our thesis attaches to Psychagogy an epistemic and pedagogical function in the process of teaching and learning Philosophy. We do affirm the comprehension through which we adopt the term "Philosophical Education" (instead of teaching of Philosophy). We intend to make the experience of philosophizing for teachers and students through Philosophical Education whether in high school or at university. So teachers and students take the exercise of philosophizing in the classroom and also outside it and they do it as an intellectual and existential movement, so that the philosophical contents interfere in their constructions of worldviews and their social and political positions. Therefore, studying Philosophy also build their own existences.

Keywords: teaching of Philosophy, psychagogy, parrhesia, care of the self.



“O discurso filosófico, como análise, reflexão sobre a finitude humana, e crítica de tudo o que pode, seja na ordem do saber, seja na ordem da moral, extravasar os limites da finitude humana, desempenha um pouco o papel da *parresía*.”

Michel Foucault

Não se pode ensinar a Filosofia tampouco o filosofar! Não obstante o efeito retórico desta afirmação, ela nos remete para uma questão filosófica e pedagógica importante, isto é, a impossibilidade de realizar o ensino da Filosofia ou o do filosofar, uma vez que não estamos lidando com conteúdos ou com métodos objetivamente delimitados, ou seja, elaborados tendo em vista a obtenção de determinado resultado que, em princípio, será alcançado se seguidas todas etapas de um processo igualmente delimitado. Todavia, o ensino de Filosofia, compreendido como algo além do aprendizado de informações oriundas da história da Filosofia e dos textos de filósofos e de filósofos divulgados ao longo destes milhares de anos de história, compreendido como *educação filosófica*, ou seja, como um processo de vivência da experiência de pensar, de questionar a realidade em toda a sua amplitude e desdobramentos, de colocar em dúvida todas as certezas, naturezas ou essências, de vivenciar os problemas dirigidos sobre esta realidade como movimentos de sua própria existência intelectual, corporal, afetiva e relacional (social-histórica).

Segundo esta compreensão, reconhecemos que a Filosofia, enquanto saber construído histórica e socialmente pelos seres humanos, não oferece respostas definitivas sobre os problemas com os quais ela se ocupa, seus conceitos apresentam a plasticidade de algo que pode ser construído, combinado, criado a partir de perspectivas diferentes, o que vai implicar em conceitos diversos e diferentes ainda que o problema abordado filosoficamente seja o mesmo ou similar. Ainda segundo a compreensão que adotamos, o filosofar, enquanto atitude e atuação sobre a realidade, ou seja, enquanto movimento em que o indivíduo assume a ocupação e a visada sobre elementos problematizáveis e a dedicação em compreendê-los e ressignificá-los, não se limita a um modo único de olhar e de se defrontar com os problemas filosóficos, e assim, haverá tantos filosofares quantas perspectivas filosóficas forem assumidas.

Diante do exposto compreendemos que o problema filosófico do ensino de Filosofia, ou seja, do ensino de um componente curricular (Filosofia) dentro e segundo a dinâmica de um ambiente institucional (escola ou universidade) precisa nos remeter para territórios epistêmico

e pedagógico específicos em que o exercício da docência e a atividade das e dos estudantes possam ser reconhecidos e assumidos como *experiência do pensamento* e como *modo de vida* (viver e existir). Assim sendo, as aulas de Filosofia, ainda que pautadas em conteúdos programáticos e em objetivos curriculares definidos, pode oportunizar a vivência filosófica para professoras(es) e para estudantes, o que nos remete novamente para o âmbito do que chamamos *Educação Filosófica*.

Considerando este modo de compreender a Filosofia e o ensino de Filosofia, que implica na adoção de uma postura pessoal por parte de docentes e de discentes no processo de ensino e aprendizagem atinentes ao ambiente e às relações sociais e pedagógicas da sala de aula (escolar ou universitária), passamos a construir um diálogo com o filósofo Michel Foucault, notadamente com alguns conceitos com os quais ele esteve ocupado nos últimos cursos que ministrou no *Collège de France*, entre os anos de 1982 e 1984, e a justificativa para este diálogo assenta-se no fato que reconhecemos certa pertinência entre o que compreendemos por *Educação Filosófica* e alguns dos conceitos discutidos pelo filósofo em seus cursos, isto é, o *Cuidado de Si*, *Parresia* e *Psicagogia*, os quais aqui serão recortados dos cursos acima mencionados e pensados comparativamente com o movimento de educar filosoficamente as pessoas. Dizendo de modo sumário, discutiremos como tais conceitos podem contribuir para a construção (conceitual e metodológica) de uma *Educação Filosófica*.

Neste sentido, o título deste artigo, mais que um tema ou problema filosófico, convida a leitora e o leitor para realizar a experiência de pensar os conceitos Cuidado de Si, Parresia e Psicagogia, mantendo a atenção sobre o problema do ensino de Filosofia. Considerando, mas também questionando, a nossa hipótese de que a vivência psicagógica comporta elementos que se coadunam com o que entendemos por educação filosófica, na medida em que este modo de “ensino de Filosofia” prevê e oportuniza a experiência do pensamento e a vivência do filosofar no mais próximo possível da vida e da existência dos indivíduos, sem invalidar a utilização de currículos e materiais tipicamente institucionalizados como o livro didático ou manuais de Filosofia. Todavia, neste artigo não nos imiscuiremos na discussão de relações entre a educação filosófica e a produção e utilização de materiais didáticos, tema pertinente e necessário, notadamente para a leitora e o leitor que exercem a docência, e com o qual nos ocuparemos em outro texto ainda em construção.

Assim sendo, tomemos o curso que Foucault ministrou no *Collège de France* em 1982, que deu origem à obra *A Hermenêutica do Sujeito*, que nos revela o intenso interesse com o qual se ocupa o filósofo em torno da noção de cuidado de si (*epimeleia heautou*), e sendo assim

ele oferece um longo excursão sobre a sua história, notadamente considerando a antiguidade clássica, de modo específico a grega. O que nos interessa, por ora, não é compreender a história das compreensões e das práticas do cuidado de si tal como se encontram minuciosamente tratadas na obra mencionada. Aqui queremos destacar as implicações que este conceito possui para a nossa discussão, considerando o aporte da filosofia foucaultiana sobre ele.

Começemos pela abordagem que relaciona o cuidado de si com o convite (desafio) oracular “conhece-te a ti mesmo”, tido como exercício e vivência que não se dirige à aquisição de conhecimentos sobre a constituição de um sujeito cognoscente (não se trata de discussão gnosiológica), antes coloca o indivíduo na postura de questionar a si próprio, sua própria constituição existencial e o lugar que ele ocupa em suas vidas pessoal e social. Deste modo, o cuidar de si mesmo é um modo de se ocupar consigo em busca de se reconhecer, tendo em vista assumir a responsabilidade da construção da própria existência. Neste sentido, e acompanhando a discussão presente no curso e na obra, pode-se compreender que a história do cuidado de si revela suas três facetas, ou melhor, funções, isto é, o cuidado de si como elaboração teórica, como orientação social e como exercício individual, como Foucault assevera: “É esse período, portanto, que pretendo escolher, pois a meu ver constitui uma verdadeira idade de ouro na história do cuidado de si, entendido esse tanto como noção quanto como prática e como instituição.” (Foucault, 2006, p. 75.)

Ademais, relacionamos o cuidado de si, enquanto exercício de autoconhecimento, com a prática do filosofar, considerando que ambos implicam na busca de identificar as ideias e as estratégias sociais que nos constroem enquanto sujeitos, Filosofar e cuidar de si mesmo não se reduzem um ao outro, todavia, se assemelham, uma vez que ambos os exercícios nos colocam em disposição e em movimento de questionamento, de busca, de compreensão e de atuação. Esta proximidade teórica e procedimental podemos encontrar em enunciados da obra foucaultiana, tais como a seguinte: “Assim, para Epicuro, como vemos, deve-se filosofar todo o tempo, deve-se incessantemente ocupar-se consigo.” (Foucault, 2006, p. 81). Filosofar, portanto, é um dos modos possíveis de se ocupar consigo e este representa o nosso ponto de vinculação e de partida para a discussão que propomos no presente texto, construindo assim uma compreensão acerca do que denominamos *educação filosófica*.

Se por um lado o cuidado de si se assemelha ao filosofar, por outro lado ele comporta um tipo de movimento que possui importância imprescindível seja para o exercício de filosofar como modo de viver seja para o exercício de filosofar vivenciado em uma sala de aula de



Filosofía. Ainda em A Hermenêutica do Sujeito, comentando uma carta de Sêneca, afirma Foucault:

Trata-se da noção de desaprendizagem, essencial nos cínicos, reencontrada nos estoicos. Ora, essa ideia de desaprendizagem que, de todo modo, deve começar ainda quando a prática de si se esboça na juventude, essa reatualização crítica, reforma de si que tem por critério uma natureza – mas uma natureza jamais dada, jamais manifestada como tal no indivíduo humano, de qualquer idade -, tudo isso assume, muito naturalmente, a feição de um desbaste em relação ao ensino recebido, aos hábitos estabelecidos e ao meio. (Foucault, 2006, p. 87).

Desaprender, isto é, desbastar aquilo que foi apreendido e aprendido, seja na “escola da vida” seja na instituição escolar. O cuidado de si comporta a possibilidade de deslocar o olhar (adotar perspectivas outras), de ressignificar posturas e atitudes, de reconstruir ideias e princípios, ou seja, desaprender olhares, posturas, atitudes, ideias e princípios e ser capaz de adotar outros, quiçá, desta feita como movimento voluntário e não como resultado de imposição (violenta ou naturalizada).

De modo análogo, em uma aula de Filosofia, o movimento de filosofar requer o revolvimento de camadas densas de visões de mundo, de posturas e de atitudes, de ideias e de princípios, tudo muito bem sedimentado sob dezenas de anos de vivências em práticas educativas (institucionalizadas ou não), que por sua vez estão sedimentadas sob séculos e até milênios de elementos tradicionais, que se sustentam o mais das vezes pela sua antiguidade, em alguns casos até pela imemorialidade de suas origens. O cuidado de si, portanto, viabiliza a abertura para a novidade, para a alternatividade, para a desconformidade, para a anormalidade, para a criatividade. Esta experiência pouco valeria se após este revolvimento de nossas bases (individuais e coletivas) e desconstrução de vínculos meramente tradicionais e naturalizados nós não nos ocupássemos de criar novas bases, *bases outras para um viver outro e um existir outro*.

Esse movimento de refundação nos remete ao que Foucault chamou de autossubjetivação, entendido como um processo ininterrupto de cuidado e criação de si próprio. Esta noção é tratada brevemente no curso A Hermenêutica do Sujeito quando o filósofo discute a função da conversão nos primeiros séculos da era cristã, como podemos ler:

[...] proposita então dizer que a conversão que está em causa na filosofia dos primeiros séculos de nossa era não é uma transubjetivação. Não é uma maneira de introduzir no sujeito e nele marcar uma cisão essencial. A conversão é um processo longo e contínuo

que, melhor do que de transubjetivação, eu chamaria de autossubjetivação.” (Foucault, 2006, p. 193).

Acompanhando o argumento foucaultiano entendemos que a conversão (em nossa discussão trata-se da criação de si e da própria existência) não diz respeito à introjecção de ideias, posturas e atitudes, as quais são absorvidas por conveniência ou exigência de pertencimento a determinado grupo ou instituição, os quais transporiam para o sujeito suas ideias, posturas e atitudes. Diferente disto a vivência da autossubjetivação acontece por meio da compreensão de si como autor e ator de seus próprios modos de viver e de existir. De maneira análoga, uma aula de Filosofia que se desenvolve indo além dos conteúdos informacionais viabiliza o espaço e o tempo pedagógicos para este movimento de autossubjetivação, por meio do qual as estudantes e os estudantes podem, em conformidade com o nível etário e intelectual em que se encontram, pensar sobre si e repensando-se, então, minimamente questionarem suas origens e quiçá recriarem suas histórias a partir de então.

Continuando a pensar a relação entre o cuidado de si e as práticas educativas, nos ocupemos agora com os sujeitos pedagógicos da educação escolar, notadamente, o sujeito docente. Talvez a questão mais elementar que se possa fazer é se pode a professora ou o professor conduzir um processo de questionamento da existência pessoal e da autossubjetivação sem que ela ou ele estejam já vivenciando tal movimento? Uma possível resposta colima outra pergunta: pode a professora ou o professor de Filosofia orientar o movimento de filosofar se ela ou ele não vivenciam o exercício filosofante? A questão aberta nos conduz para o encontro e o entrecruzamento de dois dos conceitos principais de nossa discussão, o cuidado de si e a parresia. Pedimos mais uma vez a leitura acurada para o seguinte fragmento da obra *A Hermenêutica do Sujeito*, em que, tratando dos diálogos socrático-platônicos, comenta Foucault:

[...] podemos facilmente reconhecer três tipos de mestria, três tipos de relação com o outro enquanto indispensável à formação do jovem. Primeiramente, a mestria de exemplo. O outro é um modelo de comportamento, modelo transmitido e proposto ao mais jovem e indispensável à sua formação. [...] O segundo tipo é a mestria de competência, ou seja, a simples transmissão de conhecimentos, princípios, aptidões, habilidades, etc aos mais jovens. Finalmente, terceiro tipo de mestria: é a mestria socrática, sem dúvida, mestria do embaraço e da descoberta, exercida através do diálogo. (Foucault, 2006, p. 115-116.)

Por meio desta exposição somos provocados a pensar qual perfil a docente-filósofa ou o docente-filósofo precisa ter para oportunizar um tipo de mestria que não se respalde em mera reprodução de comportamento convencionado e instituído e, portanto, ensinável, ou ainda, em mera reprodução de princípios e habilidades reconhecidas e instituídas e, portanto, ensináveis, que antes se processe na construção autônoma e orientada por alguém que já fez e que continua no caminho do autocuidado, do autoconhecimento, da autossubjetivação. Alguém que possa caminhar e conduzir os estudantes nos itinerários filosóficos porque os conhece, por que os faz, porque angaria sobre si a convergência e a coerência entre o que diz e o que faz. Tal discussão sobre a capacidade para conduzir para o exercício do cuidado consigo mesmo implica e remete, necessariamente, para a noção de *parresia*.

É em seu curso ministrado em 1983, O Governo de Si e dos Outros, que Foucault se dedica marcadamente com a discussão da noção de *parresia* (*parrhesia*). Tomada de maneira simplista, diz-se que se trata do ato de dizer a verdade, de falar de modo franco. Todavia, a *parresia*, de modo análogo à noção de cuidado de si, possui uma história, é compreendida e exercida de modos diversos em diferentes momentos da história de sociedades antigas clássicas, e sobre este itinerário temporal Foucault constrói sua discussão neste curso de 1983, sem a mínima intenção de elaborar uma história (linear e causal) da noção da *parresia*, antes e mais que isso, compreendemos que ele tenciona compreender como as práticas *parresias* foram descritas e vividas e como elas construíram subjetividades, e para tanto o filósofo investiga textos clássicos da Filosofia na antiguidade e também documentos históricos sobre a vida de pessoas que se apropriaram da vivência *parresias*. Pensar a *parresia*, seguindo a estratégia foucaultiana nos conduz para discussões nos âmbitos da ética e da educação, como pode-se entender a partir desta afirmação:

O termo *parrhesia* refere-se, a meu ver, de um lado à qualidade moral, à atitude moral, ao êthos, se quisermos, e de outro, ao procedimento técnico, à *tékhnē*, que são necessários, indispensáveis para transmitir o discurso verdadeiro a quem dela precisa para a constituição de si mesmo como sujeito de soberania sobre si mesmo e sujeito de veridicção de si para si. (Foucault, 2006, p. 334.)

Diante do exposto, pode-se perceber que *parresia* e cuidado de si são movimentos extremamente próximos e vinculados, posto que ambos implicam em processos pessoais de autoafirmação e de autoconstrução.

Enquanto processo de autossubjetivação, a *parresia* implica que o indivíduo que se dispõe à vivência *parresias* esteja ocupado com as situações social-históricas em que este



indivíduo vive, existe e se relaciona, que se reconheça vinculado a um coletivo de traços culturais que delineiam os *modi vivendi* seu e de quem com ele vive e existe. Este pertencimento inerente à vivência parresiástica também reconhecemos na prática de filosofar, nos exercícios filosóficos, e por isso a vivência filosófica pode manifestar uma faceta parresiástica. Neste sentido, corroboramos Foucault quando afirma:

[...] vê-se que a prática filosófica, ou antes, que o filósofo, ao fazer seu discurso filosófico, não pode evitar de colocar a questão do seu pertencimento a esse presente, [...] vamos dizer, do seu pertencimento a um certo “nós”, a um “nos” que se refere, de acordo com uma extensão mais ou menos ampla, a um conjunto cultural característico da sua própria atualidade. (Foucault, 2010, p. 14).

Outra característica relevante da Parresía diz respeito à coerência absoluta que se reconhece entre o parresiasta e o seu discurso, dito por isso parresiástico, posto que muito mais do que a emissão de uma fala verdadeira, trata-se de uma fala que se assume como verdadeira e que se vive como tal, que se pratica, que se vincula à vida do sujeito parresiasta. Foucault assevera:

[...] a *parresía* é uma espécie de formulação da verdade em dois níveis: um primeiro nível que é o do enunciado da própria verdade (nesse momento como no performativo, diz a coisa, e ponto final); e um segundo nível do ato parresiástico, da enunciação parresiástica, que é a afirmação de que essa verdade que nomeamos, nós a pensamos, nós a estimamos, nós a consideramos efetivamente, nós mesmos autenticamente, como autenticamente verdadeira. Eu digo a verdade e penso verdadeiramente que é verdade, e penso verdadeiramente que digo a verdade no momento em que a digo.” (Foucault, 2010, p. 61-62)

Em suma, o indivíduo parresiasta fala sobre algo que compreende e assume como verdade e, igualmente, pratica este algo, há coerência entre compreensão, enunciação e vivência.

Nesta dinâmica de coerência entre falar e vivenciar, aquilo que se fala de modo franco pode não ser conveniente para o meio social em que vive o indivíduo parresiasta e, assim sendo, seu discurso de verdade pode colocá-lo em risco, ou seja, dizer o que se vive indo de encontro ao que se diz onde se vive pode trazer ameaças à vida, à imagem moral, à atuação política deste indivíduo. A parresía, portanto, implica algum risco para aquele que assume o dizer franco, como explica sinteticamente o filósofo:



A *parresía* – e aqui eu sintetizo, pedindo que me perdoem por ter sido tão arrastado e ter me detido tanto – é portanto uma certa maneira de falar. Mais precisamente, é uma maneira de dizer a verdade. Em terceiro lugar, é uma maneira de dizer a verdade tal que abrimos para nós mesmos um risco pelo próprio fato de dizer a verdade. Em quarto lugar, a *parresía* é uma maneira de abrir esse risco vinculado ao dizer-a-verdade constituindo-nos de certo modo como parceiro de nós mesmos quando falamos, vinculando-nos ao enunciado da verdade e vinculando-nos à enunciação da verdade. Enfim, a *parresía* é uma maneira de se vincular a si mesmo no enunciado da verdade de vincular livremente a si mesmo e na forma de um ato corajoso. (Foucault, 2010, p. 63-64)

Dizer uma verdade, a qual se manifesta na própria existência e atuação social do indivíduo, exige uma atitude de coragem. No contexto do exercício filosófico e, de modo análogo, no ensino de Filosofia, não se pode prescindir de atitude corajosa por parte de quem filosofa e também de quem ensina a filosofar. Dar aulas de Filosofia, quando se pretende ir além de informações filosóficas, quando se quer oportunizar o exercício de pensar, de questionar, de duvidar, isto pode trazer consequências para a docente-filósofa e para o docente-filósofo no que diz respeito seja a danos à sua vida profissional seja à sua vida e existência pessoais a depender do contexto em que vive e atua.

Ainda considerando o traço de risco inerente à vivência parresiástica, e reconhecendo que o processo de ensino-aprendizagem implica a existência e a relação entre dois sujeitos pedagógicos (docente e discente), também reconhecemos risco para quem ouve a fala parresiástica. Foucault afirma que

A parresia é, portanto, em duas palavras, a coragem da verdade naquele que fala e assume o risco de dizer, a despeito de tudo, toda a verdade que pensa, mas é também a coragem do interlocutor que aceita receber como verdadeira a verdade ferina que ouve. (Foucault, 2014, p. 13)

Sobre esta situação corroboramos o argumento foucaultiano e afirmamos que a estudante e o estudante também assumem certo risco no ato de aceitação da verdade parresiástica, considerando que, primeiramente, esta verdade se coloca em rota de choque com ideias, posturas e atitudes aprendidas por estes sujeitos pedagógicos e que construíram o que eles são, isto implica em desaprendizagem, como nos referimos acima em nosso texto, e, ademais ao assumir de modo parresiástico a verdade em sua vida, a estudante e o estudante

tornam-se passíveis em alguma medida dos riscos que sua professora e seu professor parresíastas enfrentam.

Todavia, convém explicar que apesar de construirmos esta relação de aproximação entre o exercício da fala parresíastica no contexto educacional, isto é, envolvendo os sujeitos pedagógicos (parresíastas), compreendemos junto com Foucault que a atitude parresíastica não se ensina, ela tampouco resulta de uma técnica que pode ser transmitida como método. Se há um modo da parresia ser vivenciada no ambiente educacional este vai resultar da vivência e da convivência diuturna dos sujeitos pedagógicos e seus exercícios e práticas. A exemplo do trabalho de investigação e análise filosófica feito por Foucault em diversos documentos antigos, pode-se reconhecer nos exercícios, nas práticas de si, elementos que caracterizam o *modus vivendi* de sujeitos parresíastas, ou melhor, os *modi vivendi*, posto que estes são plurais e diferentes. Foucault explica que “A *parresía* não é uma profissão, é algo mais difícil de apreender. É uma atitude, uma maneira de ser que se aparenta à virtude, uma maneira de fazer.” (Foucault, 2014, p. 15.) E assim compreendemos que a parresia é uma atitude e como tal resulta de uma vivência eivada de coerência entre o que se vive e o que diz. Em sentido análogo, o exercício do filosofar em uma aula de Filosofia deve se assentar também na coerência do docente-filósofo, ou seja, a professora e o professor de Filosofia deve ser o primeiro a filosofar em sala de aula, manifestando assim para as estudantes e os estudantes a atitude filosofante colimada e mediada pelos conteúdos e textos filosóficos, seja quais forem. E desse modo, o ensino de Filosofia assume a condição de *Educação Filosófica*, espaço filosófico e pedagógico para o exercício do pensar e da construção de si, tratando-se de um *processo*, ou melhor, *movimento psicagógico*.

Oportunamente, note-se a distinção que Foucault estabelece entre pedagogia e psicagogia. Uma das primeiras aparições do termo psicagogia nos escritos foucaultianos dos cursos ministrados entre 1982 e 1984 se encontra no texto *A Hermenêutica do Sujeito*, onde lemos:

Se chamamos “pedagogia”, portanto, essa relação que consiste em dotar um sujeito qualquer de uma série de aptidões previamente definidas, podemos, creio, chamar “psicagógica” a transmissão de uma verdade que não tem por função dotar um sujeito qualquer de aptidões, etc., mas modificar o modo de ser do sujeito a quem nos endereçamos. (Foucault, 2006, p. 366)

Tomando este fragmento como referência e diante do que expomos até este momento pode-se compreender que as práticas em torno e em vista da parresia e, notadamente, do



cuidado de si manifestam esse movimento psicagógico, ou seja, acontecem por meio de orientações e exercícios diversos e diferentes, em que sujeitos (mestre e discípulo) compartilham situações da vida, experimentam questionamentos e constroem posturas e atitudes, que resultam mais da vivência do que da instrução, ou dizendo de outro modo, resultam mais do exemplo vivido e observado do que de um conteúdo ou técnica ensinados.

Seguindo esta perspectiva construímos nossa compreensão de que o ensino de Filosofia tem o potencial de vir a ser uma prática educativa planejada e desenvolvida como exercício psicagógico, e, como ação educativa que extrapola, embora não prescindia necessariamente do conteúdo filosófico, este que resulta da vivência de centenas de pensadoras e de pensadores em milhares de anos de pensamento elaborado e desenvolvidas em centenas de culturas. Este ensino tem o potencial de vir a ser *educação filosófica*, compreendida como exercício de pensamento que ao mesmo tempo que constrói compreensões sobre a realidade constrói o próprio sujeito, admitindo a necessidade premente de desaprender e desconstruir ideias, posturas e atitudes. *Educação Filosófica* implica, desse modo, em aprender a desaprender e a reaprender, a desconstruir e reconstruir, a “dessujeitar-se” e “autosubjetivar-se” (excusas pelos neologismos). A *Educação Filosófica* depende fortemente de um movimento da alma do aprendiz, do discípulo, do estudante filosofante, e neste sentido, corroboramos com Foucault que afirma:

Enfim, a filosofia vai se apresentar como detentora do monopólio da *parresía*, na medida em que vai se apresentar como operação sobre as almas, como psicagogia. E, em vez de ser uma força de persuasão que convencerá as almas de tudo e de qualquer coisa, ela se apresenta como uma operação que permitirá que as almas distingam convenientemente o verdadeiro do falso e deem, pela paideia filosófica, instrumentos necessários para operar essa distinção. (Foucault, 2010, p. 276)

Esta imbricação entre o cuidado consigo mesmo e a fala franca é reiterada por Foucault quando lemos:

Conhecimento da verdade e prática da alma, articulação fundamental, essencial, indissociável da dialética e da psicagogia: é isso que caracteriza a *tékhne* própria do discurso verdadeiro, e é nisso que o filósofo, por ser ao mesmo tempo dialético e psicagogo, o filósofo será verdadeiramente o parresiásta, e o único parresiásta, [...] (Foucault, 2010, p. 305)

Neste sentido as práticas psicagógicas referem-se às próprias práticas de cultivo do cuidado consigo mesmo e da fala franca que, diferentemente das práticas pedagógicas, não são



transmitidas de um mestre para um aprendiz, mestre cujo reconhecimento seria apenas estatutário, ou seja, devido a uma função instituída e atribuída a este, tampouco diz respeito a um aprendiz que aprenderá e executará comandos. As práticas psicagógicas dão-se no contato entre um mestre, que o é devido à sua autoridade sedimentada pela coerência entre sua fala e sua vivência, e que se apresenta ao aprendiz como orientador de sua própria busca, da construção de sua própria existência.

A partir desta compreensão e retornando ao enunciado foucaultiano supracitado, reconhecemos na Filosofia, notadamente nos exercícios filosóficos, a possibilidade de avançar para além da análise e da crítica sobre si mesmo indo em direção à construção de si mesmo, à autossubjetivação. E como corolário, asseveramos que a *Educação Filosófica* manifesta uma adequada adaptação dos exercícios psicagógicos com os exercícios filosóficos colimando a *autoformação* de sujeitos questionadores da realidade em que vivem, construtores de realidades outras e, principal e primeiramente, questionadores das suas próprias subjetividades e os processos de subjetivação que vivenciaram, mas, principalmente, almeja-se a *autossuperação de si*, a *autossubjetivação*, isto é, a criação de suas próprias existências individuais e coletivas.

Em suma, trata-se de assumir o filosofar como atitude parresiástica e a *Educação Filosófica* como prática psicagógica.

Obras consultadas

Foucault, M. (2006). *A Hermenêutica do Sujeito*. São Paulo: Martins Fontes.

Foucault, M. (2010). *O Governo de Si e dos Outros*. São Paulo: Martins Fontes.

Foucault, M. (2014). *A Coragem da Verdade*. São Paulo: Martins Fontes.